



Fernando Catatau
Músico

Reduzindo o volume dos silêncios nos intervalos que cortam a fala, um homem oblíquo é revelado

Muito além de uma incômoda visão sobre o mundo. Barba espessa, cabelos em desalinho, camisa gola pólo, bermuda e chinelas gastas. Frases curtas expondo gentileza e simplicidade na hora de verbalizar histórias. Dos lábios escondidos de Fernando Eduardo Ary Júnior – mais conhecido como Fernando Catatau –, ecoam as palavras de um artista genuinamente cearense. Paira no ar uma boa dose de introspecção. Subjetivação. Brandá oclusão. Perigo?

As letras dele traduzem um íntimo lapidado. O tempo para pensar cada composição não exclui a personalidade, mas permite ao compositor camuflar-se nas próprias metáforas. Em uma entrevista “tufa”, Fernando tenta projetar, com silêncios alternados, rápidos encontros com ele mesmo.

O ato de olhar para dentro é expresso com dificuldade. Um libriano nato precisa pensar, construir as idéias, pesar os assuntos e digerir a própria trajetória para, só então, regurgitar-se. Há muita coisa implícita no caminho de um jovem surfista que se encantou com Pink Floyd nos fins de tarde da Ponte Metálica e se destacou na cena da música nacional. Compreendendo isso, Catatau vai ajustando, pouco a pouco, a frequência de seu silêncio em busca do tom perfeito para revelar-se, mesmo que seja de viés.

O resultado é a densa figuração de um tremor incisivo, e não menos bonito, das cordas da guitarra. Um esboço de quem tenta, com sons, reduzir a dor e abraçar os amigos. Ser “galeroso”. Na camaradagem, Fernando se apaixonou por acordes menores e notas raivosas. Os amigos e o acaso o levaram do piano ao rock, à guitarra, à obsessão e, enfim, à multiplicidade do Cidadão Instigado.

Por um projeto multifacetado, Catatau trocou a Varjota, redoma da infância dele, pela estrada.

O objetivo era traçar a própria história. Começou criando trilhas sonoras para a vida e, a partir daí, abandonou de vez as máscaras de economista e engenheiro que um dia cogitou usar.

No espaço gélido da grande São Paulo, Fernando mergulhou na solidão e descobriu a si mesmo. Imprimiu-se em letras difíceis de consumir. Misturou rock, brega e psicodelia em um som inconfundível. A ousadia o tornou pesquisador de sons, músico parceiro, profissional único. Trabalhou com o ídolo Arnaldo Antunes, abrilhantou um disco de Céu, “sujou” com perfeição as músicas de Vanessa da Matta, ganhou o mundo com Otto. Estava efetivado na nova cena da música popular brasileira.

O cearense criou asas nos pés e ganhou o infinito ao insistir nos erros, assumir a voz nasalizada e estudar as tênues variações de pedais, amplificadores e mesas de som. Até o discreto cruzar de pernas nos agudos momentos de timidez é ofuscado na incessante busca pelo diferente.

No processo de construção artística, Fernando criou personagens, provocou reflexões e trabalhou acordes maiores na guitarra. Chegou ao ponto de apaixonar-se perdidamente pelos instrumentos, entregando-se à introspecção criativa e rotulando-se “guitarrista de rock brasileiro”.

A captação do retrato de Fernando Catatau perpassa uma trama balbuciada entre timbres e letras. Nosso olhar sobre ele é oblíquo. Assim como são os pedais, que alteram e multiplicam os sons das guitarras. Assim como é o próprio artista, que escolheu o piano clássico, o teclado do forró elétrico e a nervosa guitarra do rock no ardiloso Cidadão Instigado.

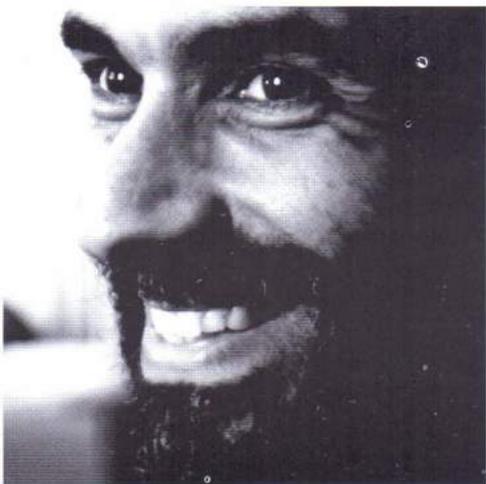
Ficha Técnica

Equipe de Produção:
Hugo Renan
Roger Pires
Yuri Alexsander

Texto de abertura:
Beatriz Jucá

Participação:
Beatriz Jucá
Domitila Andrade
Fernanda Sá
Hugo Renan
Iana Soares
Marina Rosas
Natália Marques
Rainer Leal
Roger Pires
Yuri Alexsander

Fotografia:
Analice Diniz
Wanessa Malta



Entrevista com Fernando Catatau em 25 de maio de 2010.

Roger – Na música “O Tempo”, em determinada parte da letra, você diz: “Eu já não sou mais o menino / que você deixou”. Apesar de essa música remeter a uma relação amorosa entre duas pessoas, é possível relacionar esse trecho à criança que viveu no Rio de Janeiro nos primeiros anos de vida e depois volta para a cidade natal, para morar no bairro *Varjota*. O que representa esse espaço da cidade e o edifício *Dom Luís* para sua adolescência, Fernando?

Fernando – O *Dom Luís* é a minha infância, onde eu cresci. Passei grande parte da minha vida lá, com meus grandes amigos, (*vivenciando*) meu crescimento... Ver uma Fortaleza que era muito diferente do que é hoje, entendeu? Antigamente, no edifício *Dom Luís*, que fica na *Varjota*, era como se fosse um mini-bairro dentro de Fortaleza. Você entrava por aquela ponte do *Riacho Maceió* e só tinha aquela entrada, não saía para nenhum lugar dali. Os prédios não tinham muros, era diferente, tinha muito mato. Eu vi isso e vi mudando aos poucos. Passei muito tempo por lá, quase uns vinte anos, e fui vendo mais prédios chegarem, começando a destruir... Eu tomava banho com os meninos do bairro no *Riacho Maceió*, para você ter uma ideia, porque era limpo. Hoje em dia é um esgoto, uma vala de esgoto que faz parte do crescimento da cidade. Não tem estrutura e vai destruindo as coisas...

Roger – Nós percebemos na pesquisa para a entrevista que alguns amigos de infância são dessa época. Como foi formada essa turma? É daí que surge a alcunha de “galeroso”?

Fernando – (*Risos*) Eu sou “galeroso” mesmo. Eu gosto de estar sempre acompanhado dos meus amigos e muita coisa foi formada a partir dessa época em que eu morava lá. Eu sempre fui dessa área, *Varjota/Meireles* (*atualmente, dois dos bairros mais valorizados na capital cearense, cada um com suas características*), minha área de crescimento. Eu tenho um amigo de infância, o Leonardo Sá, que hoje é professor da Federal (*Universidade Federal do Ceará*), e a gente montou a primeira banda, a *Companhia Blue*. Eu tive uma banda antes, a *Ultraleve*, mas já era uma banda montada e eu era bem pequenininho, tinha 13 anos. Toquei alguns meses nessa banda, fiz um show e só. A primeira banda que eu montei mesmo foi a *Companhia Blue*

e o Leonardo Sá era baterista. Ele era meta-leiro, mas eu o consegui tirar do Heavy Metal para tocar Blues com a gente. E desde essa época que ele é do Metal, porque hoje em dia ele continua sendo. Ele entrou para o *Serviluz* e está fazendo um trabalho (*Serviluz Sem Fronteiras, coletivo que atua no bairro Serviluz, em Fortaleza*) que para mim é um trabalho bem “metal”, porque tem muita gente contra o que eles fazem, que é tirar a marginalidade de lá. Então, o Rian (*Batista*), baixista, e o Dustan (*Gallas*), tecladista, que hoje estão no *Cidadão*, moravam no edifício *Dom Luís* também. Eu conheci o Dustan - isso ele com uns 18 anos - de uma varanda para outra, gritando para ele se ele queria comprar um pedal de guitarra. Então a gente foi se conhecendo nessa época e começamos a montar a banda, a *Companhia Blue*, que era eu, o Junior Boca, o Régis (*Damasceno*) - que toca até hoje comigo e toca no *Cidadão* também - e tinha o Leo nessa época, só que ele saiu e ficou o Hamilton. E também tinha a banda A Tribo, que era o Rian, o Dustan, o Aristides e o Danilo Guilherme - que também é amigo da gente e fez até a letra de uma música do novo disco (*do Cidadão Instigado*). Então a gente vivia junto, sabe? Eram duas bandas e a gente sempre fazia shows juntos. Para mim é um lance massa poder dizer hoje que eu toco com a mesma galera da minha adolescência, com os meus amigos, com todo mundo morando em São Paulo, tocando junto.

Yuri – Essa fase de bandas surge no começo da adolescência. Mas, ainda quando criança, o que você costumava fazer?

Fernando – Quando eu era bem criança, eu jogava futebol no meio da rua... Depois, quando fui crescendo um pouco mais, eu me interessei pelo surf e fui tentar surfar. Eu ficava ali no (*Clube*) Náutico, bem na Beira Mar mesmo (*conhecida pela concentração de hotéis, turistas e atividades em seu calçadão*), que era a praia que todo mundo ia. Nessa época, ninguém ia para a Praia do Futuro (*atualmente uma das praias mais freqüentadas para o banho em Fortaleza*). E quando eu tinha 13 anos, eu ganhei uma fita do Pink Floyd (*banda inglesa de sucesso mundial, considerada uma das mais importantes da história do Rock*) e foi quando eu comecei a me interessar por Rock com uma galera da Praia de Iracema. Quem me deu a fita foi um amigo, o Gabriel

Fernando Eduardo Ary Junior, ou Fernando Catatau, como é conhecido entre amigos e na cena artística nacional, é guitarrista, compositor, cantor e principal mente criminoso por trás da banda cearense Cidadão Instigado.

Além de Fernando Catatau (voz, guitarra e teclados), o Cidadão Instigado é formado por Régis Damasceno (guitarras, violão e vocal), Rian Batista (baixo e vocal), Clayton Martin (bateria), Dustan Gallas (teclado e vocal) e Kalil Alaia (técnico de som e efeitos).

“O Ciclo da Dê.cadência” (2002), “Cidadão Instigado e o Método Tufo de Experiências” (2005) e “UHUUU!” (2009) são os três álbuns lançados pelo Cidadão Instigado até agora, além de um EP com cinco músicas, anterior a todos, lançado em 1999.

Carcará, que era até presidente da Associação do Bodyboard. Foi uma época em que eu comecei a conhecer uma galera da Ponte Metálica (*um dos principais pontos turísticos da capital cearense, na Praia de Iracema*). No dia em que eu ganhei essa fita, eu disse: “Eu quero ser roqueiro”. Eu tive um grande lance, porque antes eu só escutava *Eliane (“a rainha do Forró”), Carlos André, Alípio Martins (um dos expoentes da lambada)*... Eram as minhas referências de música.

Yuri – Antes desse momento de descobertas musicais, você teve alguma experiência com música?

Fernando – Minha mãe tinha me colocado para estudar piano, acho que eu tinha uns nove anos de idade, e passei um tempo tentando. As aulas eram até no (*Colégio*) Stella Maris. Eu era criança e lembro que tinha de ler as partituras, mas eu ficava com sono porque (*a aula*) era bem cedinho. Daí eu decorava tudo, ficava tudo na decoreba e a irmã (*freira*) ficava com raiva porque eu decorava e não conseguia ler (*as partituras*). E até hoje eu não sei ler partitura, acho que fiquei meio traumatizado com isso.

Yuri – Mas as aulas eram um prazer ou uma obrigação?

Fernando – Não era tanto prazer não, porque eu queria tocar as coisas que eu gostava. Mesmo criança eu tinha meu gosto, mas achava legal também.

Iana – E o que você gostava de tocar?

Fernando – Nessa época eu nem tinha muito gosto, era muito criança, mas gostava do *Clube do Bolinha*, das música d’Os Trapalhões.

Iana – Como a fita do *Pink Floyd* foi parar em suas mãos?

Fernando – Foi aos 13 anos, bem nessa época, começando a descobrir as coisas.

“Para mim é um lance *massa* poder dizer hoje que eu toco com a mesma galera da minha adolescência, com os meus amigos, com todo mundo morando em São Paulo, tocando junto”.

Segundo Catatau, o apelido que viria a se tornar nome artístico de referência nacional surge durante o período escolar, época em que era o menor da turma onde estudava.

Era a época em que o *surf* estava começando também aqui em Fortaleza, bem no “começão” de tudo... Escutar *Pink Floyd*, ir para a *Ponte Velha*, todo mundo no final de tarde. Sobre a fita, foi através de uma menina que eu conheci, de *Brasília*, que estava de férias pela cidade. Eu fiquei com ela, pivete né, me apaixonei, só que ela ficava com mais um monte de gente ali na *Praia de Iracema*... E um desses caras era o Gabriel (*Carcará*). Foi por causa dela que ele me deu essa fita. Ele me achou legal e tudo.

Yuri – Era uma coletânea ou algum álbum específico?

Fernando – Eu nem lembro direito! Acho que era uma coletânea. Tinha músicas do (*The*) *Final Cut* (1983), do *Animals* (1977), mas acho que o marco mesmo foi o *The Dark Side of The Moon* (1973), que eu comprei o disco e lembro que ficava escutando em casa. Eu lembro que na hora em que comecei a escutar *Pink Floyd*, eu desci e fui conhecer os hippies na *Beira Mar*. Tem um que está até hoje vendendo pulseirinhas e eu sempre vou falar com ele, ali pela (*região da*) feirinha (*como é conhecida a Feira de Artesanato e produtos típicos da Beira Mar*).

Yuri – E esse foi o seu primeiro disco ou você já havia comprado alguns antes?

Fernando – Não, antes eu tinha três discos. O meu primeiro, que eu me lembro, foi o do *Clube do Bolinha*. Depois, eu lembro que tinha o do *Roberto Carlos*, aquele que tem (*a música*) *A Guerra dos Meninos*, que ganhei de Natal. Depois eu comprei esse: era o da *Eliane, Carlos André e Alípio Martins*. Eu gostava muito de Forró.

Marina – Após a empolgação com essa fita, você ganhou sua primeira guitarra, presente de sua mãe. Como esse momento influenciou na sua inserção no mundo da música?

Fernando – Eu entrei em uma banda que já existia, a *Ultraleve*. A gente tocava música pop na época – *Biquinhi Cavado, RPM* – eram as músicas que estavam em alta na época. Mas tinha até duas músicas próprias dos meninos.

Marina – E vocês chegaram a se apresentar em algum lugar?

Fernando – A gente fez dois shows. Eu, pelo menos, fiz dois shows com essa banda. Um foi no (*shopping*) Iguatemi e o outro no (*Colégio*) Geo Studio, onde eu estudava. A maioria da galera era do colégio *Nossa Senhora das Graças*; eu e o guitarrista do *Geo*.

Fernanda – Qual foi a importância dessas apresentações e da formação dessa banda para a sua carreira musical?

Fernando – Acho que tudo que você faz na vida é importante, porque você leva para depois. A gente ensaiava muito, vivia ensaiando. Foi meu primeiro contato com um grupo, de

tocar com uma galera e aprender junto, sabe? Saber que você tem de ficar ali, deixando o outro fazer uma história também. Grupo é grupo, diferente de você (*fazer tudo*) sozinho. Eu era guitarrista e não sabia tocar, a verdade era essa. Eu ficava ali meio de "charlação", vendo o povo tocar e aprendendo, bem pivezinho. Tem uma foto que é um absurdo, bem pequenininho, bigodinho nascendo.

Yuri – Nesse início, você teve alguma experiência como vocalista ou só tocava guitarra mesmo?

Fernando – Que nada! Eu comecei a cantar por causa do *Cidadão*. Antes eu até falava que tinha "microfonefobia". E com o *Cidadão* foi um sacrifício mesmo até eu conseguir, porque eu queria realmente ter uma história só minha. E eu comecei, tanto que os primeiros discos do *Cidadão* são mais discurso do que canto. É tudo falado e eu ia falando porque não sabia cantar mesmo.

Iana – E qual o motivo da escolha pela guitarra, Catatau?

Fernando – Porque eu achava que era sinônimo do *Rock*, né? Para a minha cabeça de 13 anos de idade, quando eu escutei *Rock (pela primeira vez)*, eu queria ter uma guitarra na frente aqui (*simula com as mãos como se empunhasse uma guitarra*) e ligar a distorção. Era só o que eu pensava.

Rainer – Você teve interesse em tocar outros instrumentos, fora o piano e a guitarra?

Fernando – Piano eu não tive muito, tanto é que eu larguei. Mas eu acho foda, até me arrependo. Mas eu toco (*outros instrumentos musicais*), toco um pouco de baixo; pouco, pouco, pouco de bateria... Por mim eu tocaria tudo, o negócio é você ter condição. Como eu já conheço algumas coisas, partir do zero para outro instrumento é sempre chato, porque você fica querendo fazer uma coisa e a cabeça vai além. Você imagina uma série de coisas que gostaria de estar fazendo, mas a parte física mesmo é difícil.

Beatriz – E como foi a transição do piano para a guitarra?

Fernando – Eu disse: "Mãe eu quero uma guitarra", aí ela me deu. Foi tipo radical total. Era uma *Giannini Les Paul (fabricante e modelo, respectivamente)*, preta e tinha um adesivo da *Boss* – uma marca de pedal (*de guitarra*) – colado nela.

Iana – Então, pelo visto, sua mãe estimulava esse interesse pela música?

Fernando – Sim, desde sempre. Ela quem me botou para tocar. Eu lembro que ela me colocou em aula de canto durante uma época. Eu era muito criança e a minha voz era bem aguda, e eu ficava com muita raiva porque queria ter a voz do (*ator e diretor cearense*) José Wilker (*risos*).



Natália – Você tem até hoje a primeira guitarra?

Fernando – Não.

Natália – Que fim levou?

Fernando – Sei lá, bem que eu queria saber! Eu queria ter a minha primeira guitarra. Uma vez eu vi uma foto do Ednardo (*cantor e compositor cearense*) dando uma canja em um aniversário com essa mesma guitarra. Não sei se foi antes ou depois de mim. Logo depois minha mãe me deu outra guitarra, uma *Golden*, que tinha quatro pontas assim (*explica gesticulando*). Era o símbolo do Metal! (*risos*)

Roger – Seus parentes disseram que alguns de seus tios seus também tocavam instrumentos musicais, isso influenciou você no gosto pela música?

Fernando – Influenciou muito. Meus tios tinham uma escola de samba e isso também foi um grande marco na minha vida, eu passei dois anos só pensando em samba. Quando eu tinha sete anos de idade, e havia os piqueniques da escola de samba, a *Mocidade Independente do Mucuripe*, ia todo mundo junto e a vida era só samba. Eu desfilei dois anos na escola... Meu sonho era tocar caixa (*instrumento de percussão*), mas acabei não conseguindo.

Marina – Após essas experiências iniciais com a guitarra, houve um momento em que você parou de tocar. Qual o motivo dessa interrupção?

Fernando – Eu não conseguia tocar exatamente o que eu queria. Eu escutava *Black Sabbath*, *Ozzy (Osbourne)*, *Iron Maiden*, e não sabia fazer aqueles solos (*de guitarra*) ou conseguia acompanhar. Chegou uma hora em que eu abusei e fui andar de skate. Passei um ano andando de skate, e, depois que me roubaram quando fui para *Belém*, eu peguei um *bodyboard (prancha com a qual se surfa deitado na onda)* e fui surfar. Cheguei a competir de *bodyboard*, virei surfista mesmo. Foi até onde eu conheci o Régis, guitarrista do *Cidadão*, que era juiz de *bodyboard* e eu competidor. Foi nessa época, mais ou menos.

Natália – Fernando, você se interessou pelo Rock e pela guitarra como autodidata, mas em que momento você sentiu a necessidade de buscar um estudo formal para se

De acordo com dona Tazria, mãe de Fernando, o filho tem ascendência libanesa por parte de pai e europeia por parte de mãe. Dessa união, é o primeiro filho de um total de três, todos homens.

A ideia de indicar Fernando Catatau para compor as páginas da Revista Entrevista Nº24 surgiu ainda em 2009. Entre conversas e discussões de mesa de bar, cogitando possíveis nomes para a edição do semestre seguinte, parte dos alunos concordou em indicar o músico para a votação.

Passada a fase de votação entre os alunos, pela qual Fernando Catatau saiu como o terceiro mais votado de uma vasta lista com nomes de diversos segmentos, restou à equipe de produção entrar em contato com o músico, hoje radicado em São Paulo, e realizar o convite.

aperfeiçoar no instrumento?

Fernando – *(Pensa sobre a ordem dos fatos)* Eu lembro que voltei a tocar... Eu comecei a tocar nessa época, que minha mãe me estimulava bastante a tocar. Aos 13 anos eu tentei, depois larguei, e fui surfar e andar de skate, certo? Então eu voltei a tocar quando tinha 18 anos. Eu passei a andar com o *(Junior)* Boca, que inclusive foi vocalista da *Companhia Blue*, e comecei a tocar porque eu o via tocando as músicas dele e achava muito massa. Eu disse: “Cara, eu quero voltar a tocar, quero tocar essas músicas”. Foi aí que a gente montou a *Companhia Blue*. E nessa época eu lembro que a gente teve o primeiro ensaio, na cobertura de um amigo, com todo mundo tocando e eu só olhando, porque não sabia tocar mais nada, não sabia nem para onde ir. Eu ficava ali, querendo fazer alguma coisa, mas não sabia direito. Então eu tive um professor, comecei a tentar aprender, tive algumas aulas, mas larguei. Fui aprendendo junto com os meninos mesmo, sabe? Minha grande escola mesmo foi o grupo e minha escola até hoje é isso: sempre tocar com pessoas e pessoas diferentes. Quando eu começo a perceber que tenho um trabalho muito difícil, muito nada a ver comigo, eu digo: “*Mermão*, vou tentar fazer isso aqui, vou tentar pegar, fazer o melhor possível dentro do que eu acredito”, sabe? Eu já toquei com muita gente diferente, então cada um... Quando a *(cantora e compositora)* Vanessa da Mata me chamou para tocar... Ela é da *MPB*, e eu não sou da *MPB*. *(Aí pensei)*: “*Mermão*, vou nessa porque eu acho que vou aprender bastante coisa”. Meus estudos sempre foram muito dispersos mesmo, sabe? Eu entrei no curso de música da Uece *(Universidade Estadual do Ceará)*, fiz dois semestres e meio, mas briguei com um professor porque ele tinha uma mentalidade completamente diferente do que eu acreditava em relação à música. Já estava com o *Cidadão* encaminhado, e o professor vinha me dizer que não gostava de música... “Vanguardista” e não sei o quê. Então eu ficava indignado, sabe? Enfim, eu não me dei muito bem dentro da faculdade. Tinha umas aulas que eu gostava, principalmente a de Filosofia, e eu conseguia caminhar bem pra caramba. Mas o professor de música



Depois de algumas tentativas por e-mail e com amigos do músico que moram em Fortaleza, a equipe de produção conseguiu o número pessoal de Fernando e estabeleceu contato. Mesmo com a breve explicação por telefone acerca do projeto, Fernando aceitou o convite de prontidão.

eu achava muito quadrado, a galera não ensinava para você ter uma base boa. E foi bem na época em que o Otto *(cantor, compositor e percussionista pernambucano)* me chamou para tocar com ele. Então eu larguei *(o curso)* e fui tocar. Eu acho que o meu grande aprendizado foi tocando mesmo. O Régis me ensinou muita coisa, ele é um cara muito bom, que sabe bastante, e a gente ia aprendendo. Só que ele me ensinava sem dizer nada, e até hoje faz isso. Algumas coisas que eu quero aprender ele nunca me abriu muito não.

Hugo – Fernando, antes ainda da tentativa frustrada no curso de Música, você frequentou outro curso na Unifor *(Universidade de Fortaleza)*. Por que você escolheu Economia?

Fernando – Porque... Eu tinha que passar por causa dela *(aponta rindo para a mãe, que passava naquele exato momento)*. Tinha que passar de alguma maneira. Eu lembro que fiz *(vestibular)* duas vezes para *(o curso de)* Engenharia de Pesca, passei duas vezes na primeira fase, mas não passei na segunda. Escolhi o curso porque surfava e queria alguma coisa que tivesse relação com o mar, mas sempre me dei mal na redação, em todas eu “*papocava*”. Depois eu tentei Turismo, porque queria viajar, mas não passei também. *(Para o curso de)* Economia eu só queria passar. Consegui entrar, e logo no primeiro dia desisti quando vi aquelas contas todinhas. Eu olhei aquilo e já foi um desestímulo, fiquei apenas um mês por lá. Depois eu fui fazer vestibular para Música, consegui passar - não sei nem como -, mas também não consegui me dedicar tanto.

Iana – Você falou que antes de ir a São Paulo pela primeira vez, em 1994, fez Engenharia de Pesca porque surfava, e tentou Turismo porque gostava de viajar. Mas, quando criança, o que você queria ser quando crescesse?

Fernando – Quando eu era criança mesmo, eu queria ser veterinário, porque gostava muito de bicho. Depois eu comecei a me interessar por outras coisas, e queria na realidade ser surfista profissional, *bodyboarder*. Só que o mais perto era isso, né? Eu tinha de entrar na faculdade. Então Engenharia de Pesca era o que rolava, e com Turismo daria para eu viajar. Eu não queria ser nada, queria era estar por aí, charlando *(risos)*. Eu era muito aberto mesmo. Queria surfar e queria viajar.

Iana – E como foi a experiência de competir no *Bodyboard*?

Fernando – Eu competi poucas vezes, porque não passei tanto tempo. Minha vida toda foi sempre perto do *surf*, mas a época mesmo em que eu me dediquei foi mais para o final. Mas houve uma época em que o médico disse que eu tinha uma doença no pulmão – que ele pensava ser tuberculose – e achava que eu ia morrer rápido. Eu fiquei uns três

meses de cama, e foi quando eu voltei a tocar. Nessa época eu vi o Boca tocando, competi e fui fazer os exames. Quando voltei, já tive de parar de surfar e parei uns três meses em casa, tocando violão, deitado. Foi quando eu voltei para a música.

Beatriz – Nessa fase, antes dessa doença, você se dedicou mais ao *surf*, que coincide com a época em que você parou de tocar. Como ficou a sua relação com a música nesse período?

Fernando – Eu só escutava! (*Ouvia*) Muita coisa, mas não tocava. Eu tinha até uns pedais que a minha mãe tinha me dado, mas fui vendendo, troquei por prancha (*de bodyboard*). Mas continuei escutando *Rock*. Eu lembro que naquela época do *bodyboard*, o que rola-va era *Led Zeppelin, Midnight Oil, The Police...* Era isso, era *Rock*. Quando eu voltei a me interessar por música, eu pude direcionar para coisas que eu gostava.

Marina – Quando estava prestando vestibular, você disse que queria “charlar na vida”. Você foi para São Paulo com que objetivo, ficar charlando?

Fernando – Não, eu fui com o *Companhia Blue*, que era a minha banda. Fomos eu e o Boca. Mas na realidade, essa foi a segunda vez que eu fui para São Paulo, na primeira eu fui sozinho. Eu conheci uma galera que morava em Tatuí (*município do Estado de São Paulo, a 131 km da capital, conhecido como a “capital da música”*), que tinha uma escola de música, e como era o lugar onde eu conhecia alguém, fui para lá. Fiquei um mês, não aguentei e voltei, porque não tinha nada para fazer, nem mesmo aula, porque a escola estava de férias. Lembro que eu ia dormir às seis da tarde e acordava ao meio-dia para fazer o tempo passar logo. Todo dia isso. E foi bem durante aquele *boom* do (*gênero*) sertanejo, quando só tocava sertanejo por lá. Dava uma agonia, cara. Depois eu voltei e a gente começou a se organizar para poder voltar (*para São Paulo*) com a banda. Fomos eu e o Boca, sem ter onde ficar... Ficamos em albergue, depois encontramos um cara que nos conhecia, amigo da minha mãe, e fomos morar com ele. Só que o Boca ficou dois meses e veio embora. Tinha outras coisas que ele não estava agüentando, e realmente não estava bom por lá. Eu disse: “Porra, não tenho nada para fazer aqui, nem tenho nada para fazer lá... Então vou ficar aqui”. Foi durante esse período que eu comecei a compor minhas coisas do *Cidadão*. Eu me sentia muito só, morava no *Bixiga* (*bairro tradicional da cidade de São Paulo*) e era pesado por lá. Foi quando eu comecei a escrever sobre mim mesmo. Como eu estava muito sozinho, ficava pensando demais.

Marina – Era um período de mais intros-

pecção... Mas qual a sua relação com a cidade de São Paulo? Foi um momento de amadurecimento para você? Ou não? Como é que foi essa experiência para você?

Fernando – Com certeza! Foi muito forte para mim, porque eu mesmo não tinha contato com quase ninguém. Os poucos amigos que eu tinha era a galera que tocava no *Bixiga*. Eu ia para lá e eu não sabia nem... Hoje eu tenho uma visão completamente diferente de São Paulo. Eu não sabia o que era a *Vila Madalena* (*bairro nobre da cidade de São Paulo, conhecido como reduto de bares e casas noturnas*), não sabia o que era nada, a não ser aquele bairro onde eu morava. Então eu passei quase um ano só naquele circuito... Ficava lá, não tinha muita coisa para fazer e não tocava com ninguém. Depois eu comecei a estudar com um cara, o Danny Vincent, guitarrista de *Blues*, e passei a ter umas aulas com ele. Passaram umas quatro aulas, ele disse que não tinha mais nada para me ensinar e eu comecei a tocar na banda dele. (*O Danny Vincent*) É um guitarrista muito legal, argentino, que toca *Blues* em São Paulo. Pronto! Esse foi o meu primeiro emprego na cidade, quando eu comecei a tocar mesmo.

Marina – Mas, Fernando, era timidez sua, era não gostar da cidade? Por que você não ia atrás de outras coisas?

Fernando – Falta de conhecimento mesmo. Minha vida era aquilo ali, acho que tem um monte de gente que realmente vive isso hoje ou vai viver amanhã... Porque você vai de acordo com o que a vida vai lhe mostrando. Se você chega para morar na Zona Leste de São Paulo e não sai daquilo, ou se você vai morar no *Cubatão* (*município do Estado de São Paulo, distante 57 km da capital*) e só vive aquilo ali, pronto acabou a conversa. Minha vida era aquilo. Eu lembro que eu fui apenas umas duas vezes para a *Vila Madalena*, porque conheci uma menina que ia para um bar por lá e acabei indo, entendeu? O *Bixiga* era perto da minha casa e as pessoas que eu conhecia andavam por lá... Por isso mesmo.

Domitila – Foi durante esse período que você teve a sua primeira experiência como compositor?

Fernando – Não. Eu já tinha feito músicas para o *Companhia Blue*, mas criava pensando no Boca como vocalista. Eram músicas para ele, não fazia para mim. Eu criava de acordo com as coisas que ia vivendo, mas sempre fazia a melodia imaginando como seria com ele cantando, porque não me imaginava cantando. Eu era completamente diferente.

Domitila – E você passou a compor de maneira diferente, imaginando você como vocalista?

Fernando – É, tanto que as músicas (*do Ci-*

Aceita a proposta, a equipe de produção tinha dois novos desafios pela frente: encontrar uma data possível para a realização da entrevista, que fosse interessante para ambas as partes, e viabilizar a vinda de Fernando Catatau a Fortaleza - o que significava ir atrás de passagens aéreas e hospedagem.

Durante o processo, uma das dificuldades foi conciliar as datas para o encaminhamento de ofícios com os telefonemas e e-mails para São Paulo, quando desencontros de horários se tornaram momentos constantes. Apesar da disponibilidade de Fernando, nada estava de certo ainda.

A data escolhida para a realização da entrevista, baseada no planejamento das atividades da disciplina durante o semestre e de acordo com a agenda de Fernando, foi o dia 25 de maio de 2010, uma terça-feira. Catatau chegaria em Fortaleza um dia antes, 24, e voltaria na manhã do dia seguinte à entrevista, 26.

dadão Instigado) são muito diferentes das que eu fazia antes. Antes a gente fazia uma música... *Pop*. Música bem... Música... Só você escutando o som para entender. Era bem *Pop* mesmo, meio *Barão Vermelho* misturado com *Blues*. E depois o *Cidadão* foi outra coisa. No *Cidadão* era como se (*as músicas*) fossem trilhas sonoras para as minhas letras, onde eu ia falando em cima de uma música que ia rolar.

Yuri – Mas hoje você não só fala em cima das músicas, como trabalha mais com o próprio canto. Como foi a mudança que você passou nesse processo de aceitação?

Fernando – Aceitação, tentativa, várias coisas. Fui tentando mais, chegar mais perto de mim... Eu gosto de melodias que emocionam e fui tentando mesmo, insistindo e vendo que aos poucos eu começava a afinar um pouco mais. Fui criando coragem.

Iana – Como foi esse processo de se relacionar com a sua voz? Você falou durante a entrevista que queria ter a voz de José Wilker, e de repente não tem mais jeito de mudar a voz...

Fernando – Eu fui aos pouquinhos aceitando. Teve uma hora em que eu disse: “Tem jeito não. É isso aí”. A partir do momento em que eu comecei a me aceitar, eu comecei a fazer alguma coisa. O *Cidadão* foi isso... Foi quase uma aceitação dos meus defeitos. (*Fazendo referência própria*) Porque é tudo torto, né? O *Cidadão* é muito eu, mostrando todos os defeitos, tanto nas letras, como no jeito de cantar ou no jeito de tocar. Na guitarra eu erro... Eu conserto... É isso, é meio isso. Aos poucos você vai começando a se organizar com você mesmo. Acho que é por isso que eu canto mais hoje. Eu comecei a insistir tanto no erro, que o erro vai ficando um acerto.

Rainer – Como é que você controla essa quantidade de referências, visto que você já tocou com vários artistas? Como você controla isso e consegue colocar no seu trabalho? É algo intuitivo ou algo mais racional?

Fernando – É bem intuitivo, bem muito! Eu só consigo fazer música assim, sem pensar muito. Eu vou fazendo e vai saindo, de acordo com que eu estou escutando na época. Tem várias músicas desse disco agora (*UHUUU!, 2009*) que eu estava escutando muito Neil Young, Bob Dylan, Richie Havens, que é a galera mais do *Folk* (*gênero musical*). E eu fiz algumas músicas bem pensando nisso, como é o caso de *Homem Velho*, que é mais baseada nessas coisas. Vai de acordo com a época. Quando eu estava escutando Roberto Carlos direto, tinha umas canções de amor... Agora mesmo eu voltei a escutar (*Heavy*) *Metal*, estou direto escutando Black Sabbath, Alice Cooper, saca? Talvez o próximo disco saia com algumas músicas de *Metal* (*risos*).

Roger – Fernando, após o período que você passou em São Paulo, você vai para a cidade do Rio de Janeiro. Como é que se dá essa mudança e o que você encontra no Rio?

Fernando – São Paulo era muito duro, porque era muito duro mesmo. Eu resolvi mudar para o Rio de Janeiro por causa que...

Roger – Trabalho?

Fernando – Tudo, por questões de tudo. Relações... Eu ficava todo tempo triste, né? Porque imagina você ter... Às vezes a gente já fica triste com vários amigos por perto, com várias pessoas por perto, além da família. E eu estando sozinho por lá, construindo uma coisa... Imagina o que era o *Cidadão* para mim naquela época? Eu tinha as músicas, imaginava tudo: imaginava a bateria, o baixo, imaginava todas as coisas e não tinha. Era tudo virtual, tudo na minha cabeça. Eu ficava a ponto de explodir. Então eu disse: “Eu vou para o Rio, que pelo menos tem a praia e eu tomo banho de mar”. Tinha uma amiga da minha mãe (*que vivia lá*) e eu fui morar com ela. Mas aí foi pior, porque era tudo bonito, mas não era bom. Era massa olhar a paisagem, mas era... horrível. Foi pior, porque eu não conseguia lidar com a galera mesmo. O povo e tal, às vezes a malandragem, coisa que não me interessa. Eu não me dou bem com a malandragem, essas coisas. E, como eu não tinha muitos amigos, eu sempre me deparava muito com isso. Era tudo meio na gambiarra e eu não gostava dessas coisas. Hoje eu consegui fazer as pazes com o Rio (*de Janeiro*) e tenho grandes amigos lá. Adoro mesmo, vou para lá sempre. Mas nessa época em que eu estava muito sozinho, eu tinha de me debater direto com as... Eu sofri bastante por lá, foi pior!

Roger – E lá (*no Rio de Janeiro*) você trabalhou com música?

Fernando – Para não dizer que não toquei no Rio de Janeiro, eu toquei duas músicas durante um ano. Duas músicas e pronto.

Iana – Você teve algum outro tipo de trabalho lá?

Fernando – Eu estudei por lá, no *Instituto Ian Guest* (*Centro Musical Cigam*), durante um semestre.

Marina – Você considera que esse sofrimento passado foi fundamental na formação do *Cidadão Instigado*?

Fernando – Do *Cidadão*, minha, de tudo! Foi naquele período... A gente tinha tudo: apartamento, carro do ano, casa de praia. E foi bem naquela época do Collor (*Fernando Collor, presidente do Brasil de 1990 a 1992*) que tudo foi embora. Eu viajei e quando voltei era tudo diferente.

Marina – E se você tivesse seguido seu estilo de vida em Fortaleza, você acha que te-

Por meio de ofício enviado à Reitoria da Universidade Federal do Ceará, o primeiro pedido de compra da passagem aérea foi negado. Ele seria aceito na segunda tentativa, desta vez com o apoio “oficial” e direto da coordenadora do curso, Profa. Glícia Pontes.

riam surgido essas inquietações?

Fernando – Talvez, mas de outra maneira. O *Cidadão* é um trabalho criado por uma pessoa que saiu de Fortaleza - tipo o nordestino que foi para São Paulo -, procurar alguma coisa. Ele é cria disso, essa é a base. Não ter como ser diferente. Se não fosse assim, o *Cidadão Instigado* seria outra coisa.

Roger – Sobre o processo de formação da banda, todas as pessoas que você convidou para participar toparam e se identificaram com as características do projeto?

Fernando – O *Cidadão* já teve muitas formações, várias, várias, várias mesmo. O Rian (*Batista*) está desde o começo e eu lembro que da primeira vez em que ele escutou, achou horrível. No começo eu mostrava as composições em voz e violão e todo mundo achava esquisito que só. Mas como eram meus amigos (*risos*), eles vieram e eu montei a banda. O único que achou interessante foi o Amaury Fontenele, tecladista que entrou na banda.

Marina – Esse grupo fazia outra coisa? Você era a vontade de fazer a música e montar a banda. E eles?

Fernando – Todos eles já tocavam com várias pessoas. Eram músicos e eu fui chamando pessoas que eram meus... Eu sempre chamo meus amigos para tocar. Eu nunca fico chamando gente que não é muito próxima. Eu prefiro tocar com os meus amigos, com a galera, do que ter problema com gente que não é "chapa". Ainda bem que eu tenho um monte de amigos que se garantem tocando. Mas, desde o começo, eu lembro que tentei montar a banda com bateria, mas não deu certo... Aí eu comecei a banda com zabumba e percussão. Depois eu comprei uma caixa-prato e fui modificando a banda, aos poucos. Eu lembro

“No dia em que eu ganhei essa fita, eu disse: ‘Eu quero ser roqueiro’. Eu tive um grande lance, porque antes eu só escutava Eliane, Carlos André, Alípio Martins... Eram as minhas referências de música”.

que o Felipe (*DJ Fill*) fazia a arte gráfica do *Cidadão*: capa, release, essas coisas. Um dia a gente estava em casa brincando e eu disse: “É tu que vai tocar zabumba!”. Ele disse: “Não cara, eu não toco não”. Mas respondi que ele ia tocar e ficou nessa comédia. Passei um mês perturbando até ele aceitar e depois ele ficou cerca de quatro anos tocando no *Cidadão*, sendo o melhor (*músico*) que já tocou zabumba na banda. A bateria surgiu depois, justamente na entrada do Clayton Martin (*atual baterista da banda*). Eu o vi tocando com o Júpiter Maçã (*Flávio Basso, músico gaúcho*) e achei muito massa. E eu ficava dizendo: “Mermão, um dia a gente vai tocar junto”. Mas ele dizia: “Não, não! Não gosto dessas coisas regionais não!”. E eu ficava insistindo – e ele chato que só –, até que deu certo.

Iana – E como foi a decisão de voltar para Fortaleza? Já havia um projeto na cabeça?

Fernando – Eu voltei para montar a banda. Eu ia montar lá (*em São Paulo*), até tentei ensaiar com algumas pessoas, mas não rolou. E eu voltei (*para Fortaleza*) porque tinha de voltar mesmo, não tinha mais condições de ficar lá. Quando voltei eu montei (*a banda*) porque aqui era mais fácil. Cheguei em 1996 e fiquei até 2001. Mas durante esse período, eu sempre ia a São Paulo. Eu lembro que uma vez vendi um par de congas (*instrumento musical de percussão*), e comprei a passagem para ver um show e tentar conhecer uma pessoa... E ficava nesse processo, correndo atrás mesmo e sempre investindo. A gente tinha um CD Demo, com cinco faixas, e também várias fitas K7 para entregar por aí. Eu lembro que fui no (*Festival*) *Abril Pro Rock* várias vezes para entregar material para a galera conhecer... Foi um processo homeopatia total, muito lento mesmo.

Yuri – E como era a recepção desse material?

Fernando – Eu entregava, depois as pessoas diziam “ah, legal!”. Mas na verdade elas nem escutavam... É sempre assim, né? Eu mesmo recebo hoje em dia dez mil CDs, e não escuto nenhum, porque não tenho tempo. Quando eu consigo tirar um dia para escutar tudo, às vezes já passou o período que era para escutar.

Natália – Fernando, como foi o primeiro show do *Cidadão Instigado*? Foi em Fortaleza?

Fernando – Muito doido! Foi no *Teatro do Ibeu (Instituto Brasil-Estados Unidos)* do Centro (*de Fortaleza*). Eu aluguei o espaço, aluguei o som e tinha umas roupas... Todo mundo com umas roupas muito doidas. Eu lembro bem até hoje, teve até participação da Kátia Freitas (*cantora e compositora cearense, entrevistada pela oitava edição do projeto Revista Entrevista*). Começou o show com

A pesquisa para a produção da pauta foi formada, principalmente, por reportagens, textos, vídeos, críticas e entrevistas com o próprio Catatau, além das conversas que a equipe de produção teve com familiares e amigos do músico.

Em um primeiro momento, no local onde viria a ser realizada a entrevista com Fernando, foram entrevistados dona Tazria e o cineasta Danilo Carvalho, amigo e integrante do *Cidadão Instigado* em suas primeiras formações.

Por indicação de dona Tazria, a equipe de produção ainda conversou com a avó de Fernando e com dona Rosa, figura presente e importante para a criação dele. Ambas puderam dar datas e informações mais detalhadas sobre o passado do músico.

todo mundo calado e terminou o show com todo mundo calado. Bem na minha frente, na primeira fila, tinha uma menina com uma luz em cima dela e ela estava dormindo. Pronto, era a cena do show. E, quando terminou, veio um amigo falar: "Por que você não arranja um vocalista para banda?" (risos).

Roger – E como você reagia a esse tipo de crítica?

Fernando – Eu ficava puto! Não dá para fingir que não escutou. Ainda mais com uma crença gigantesca na parada... Mas até você se tocar realmente que precisa melhorar bastante, leva um tempo.

Beatriz – Esse tipo de crítica fez você pensar em desistir ou mudar de vocalista?

Fernando – Fez pensar. Eu já pensei em mudar de vocalista; já pensei em tanta coisa. O *Cidadão* não era mais nem para existir. Depois que eu gravei *O Ciclo de Dêcadência* (2002), quando fui gravar *O Método Túfo (de Experiências)* (2005), eu já tinha acabado o *Cidadão Instigado*. Eu não queria mais saber de nada. Então eu tinha montado uma banda que se chamava *Fernando Catatau e o Método Túfo de Experiências*, com as composições d'*O Método Túfo (disco)*, o que explica a diferença entre os dois discos. Mas em uma viagem para fora (*Europa, acompanhando o DJ Dolores*), eu pensei, conversei com umas pessoas e decidi por continuar, só que em outro caminho.

Yuri – E quais diferenças você pontuaria?

Fernando – Os dois são bem diferentes... Para mim, disco é registro de uma época. Só isso. Disco não é aquela coisa que você passa a vida inteira para fazer a coisa mais maravilhosa do mundo. Não. É todo o trabalho que eu tive desde o começo da composição até eu registrar, por mais que tenha músicas mais antigas. E assim vai. Aquele era um período em que eu não aguentava mais ouvir falar em *Cidadão Instigado*, estava querendo acabar com tudo para fazer virar a página, saca? E para mim foi bom, porque eu consegui virar a página tocando no mesmo caminho. Eu fiquei pensando que começar uma coisa totalmente do zero poderia ser legal, mas eu não preciso, porque eu já tenho um caminho e eu posso mudar por aí mesmo. E foi o que eu fiz, tanto que os discos são diferentes.

Yuri – Mas por que esse sentimento de querer acabar com tudo? De não querer mais ouvir falar em *Cidadão Instigado*?

Fernando – É de cansar mesmo. A gente tem catorze anos de banda e três discos. Imagina, é muito tempo para fazer as coisas. E também porque eu sou muito impaciente mesmo. Eu sou muito indeciso, toda hora, quero sempre estar mudando. Ainda bem que agora eu tenho bastante trabalho para ficar jo-



gando essa carga.

Hugo – Isso tem relação com a personalidade de um libriano obsessivo, de começar alguma coisa, desempolgar e começar outra?

Fernando – Total. Eu sou totalmente indeciso... Tanto que eu jogo em outras coisas, como guitarra, por exemplo. Passo o dia inteiro atrás de guitarras, olhando o *eBay (site de comércio online entre usuários)*. Próximo mês eu vou para os Estados Unidos pegar três guitarras, um amplificador, um pedal, um captador... Tudo isso na casa do meu irmão e agora eu vou ter que me virar para trazer para cá. Eu passo o tempo assim, buscando uma coisa nova. Eu só sei viver assim, se não cai na monotonia.

Domitila – Fernando, você disse que a banda *Cidadão Instigado* veio muito de você. Como fazer para que ela não se torne uma banda de um homem só?

Fernando – Eu acho que o *Cidadão Instigado* foi se transformando em uma banda de acordo com... Porque eu sou muito assim: eu sou muito eu, mas ao mesmo tempo eu me dou muito bem com pessoas que agregam da melhor maneira (*a entrevistadora pede para que ele repita, em razão do barulho causado pela passagem de um caminhão*). Os meninos da banda – Regis, Rian, Clayton, Kalil e Dustan – ganharam automaticamente o *Cidadão Instigado* para si, junto comigo. Por isso hoje é uma banda. Por quê? Porque os meninos que estão na banda realmente acreditam naquilo e dão o merecido valor. Eu não tenho nem como chegar e dizer: "É meu trabalho". Não, não é, porque a gente ganha igual, é um comunismo da banda e eu não ganho mais que todos. Com exceção de algum trabalho que eu faça como produtor do show, por exemplo. Mas a gente trabalha pra caramba, todo mundo está no mesmo pensamento... Cria uma banda, transforma automaticamente. O ideal de grupo para mim é esse. E o *Cidadão* é isso, foi se transformando. Hoje a gente realmente é uma banda, mas uma que toca as minhas músicas, as minhas letras... É baseado em uma parada que foi construída por mim mesmo. Eu olho para cada um, inclusive o Kalil (*Alaia*), nosso técnico de som, um cara totalmente dentro da parada, e vejo que nós somos realmente uma

Para a chegada de Catatau a Fortaleza, ficou combinado que a equipe de produção se encarregaria de pegar o músico no Aeroporto Pinto Martins. Portando apenas uma mochila enquanto aguardava na saída da área de desembarque, Fernando não fazia ideia de quem iria recebê-lo.

banda. É um grupo, e muito forte, eu acho. E o mais massa de tudo é que a gente adora tocar um com o outro, adora sair um com o outro e faz as coisas juntos... Para mim, esse é o ideal de banda. Não é só se juntar, tirar um som e beleza.

Fernanda – Em um segundo momento, você foi em definitivo para São Paulo, por causa do trabalho na banda do cantor pernambucano Otto. Como ele conheceu o seu trabalho e fez o convite para tocar no grupo?

Fernando – Eu sou muito amigo dos meninos da *Nação Zumbi* (banda pernambucana, nascida no início da década de 1990, e uma das referências do movimento *Mangubeat*). Conheci o Chico (*Science*) e eles nessa época, em 1994, na primeira vez em que fui para São Paulo. Eles estavam começando a lançar o primeiro disco (*Da Lama ao Caos*) e eu sempre encontrava a galera pelo *Bixiga*, inclusive. Depois eu voltei para Fortaleza, montei o *Cidadão*, e, em 2000, quando tocamos pela primeira vez no (*Festival*) *Abril Pro Rock*, eu fui para São Paulo fazer reunião com uma gravadora e soube que os meninos da *Nação (Zumbi)* estavam na cidade. Quando fui me encontrar com eles, o Otto estava junto. Ele já tinha escutado a gente e tal, mas nada demais. Então o Otto comentou com o Pupillo (*baterista da Nação Zumbi*) que estava procurando um guitarrista. E eu, por acaso, estava lá, mas o Pupillo comentou com ele sem ser na minha frente. Quando eu resolvi ir embora de onde a gente estava, o Otto disse que ia também e me ofereceu uma carona de táxi. Entrei no carro com ele, que depois perguntou: “Ah, tu toca guitarra, né?”, e eu respondi: “É”. Então ele perguntou: “Quer ir para Barcelona?” e eu disse: “Quero”. Pronto, na outra semana eu estava em Barcelona tocando com ele. Tipo assim.

Roger – O seu amigo Danilo Carvalho comentou que você era muito criterioso na hora de aceitar um trabalho. Nesse momento que o Otto fez o convite, você parou para pensar no trabalho dele ou apenas viu ali uma oportunidade de tocar com uma banda “maior”?

Fernando – Os dois. Eu achava legal o (*trabalho do*) Otto. Eu não gosto de ficar tocando com quem eu não gosto, não – e já fiz isso muitas vezes na minha vida –, porque eu enjojo rápido. E se eu enjoar, eu começo a ficar agoniado e começo a... Desvirtuar. Então para o Otto eu olhei assim... Não achava o trabalho dele essas coisas todas não, mas achava que poderia ser massa. Comecei a tocar, comecei a curtir e hoje eu sou muito fã do Otto, muito mesmo. Acho que ele é um dos melhores artistas que... Esse novo disco dele (*Certa Manhã Acordei de Sonhos Intranquilos*, 2009)

eu acho absurdo, muito lindo! Eu sou fã dele total, e trabalho com ele há nove anos. Não é pouco tempo aguentando aquele bicho, não.

Marina – E foi com o trabalho com Otto que foram abertas mais portas para você?

Fernando – Também. Com o *Cidadão* e com o Otto. Porque o *Cidadão*, querendo ou não, mesmo sendo mais bagunçado o som, as pessoas foram começando a conhecer por ele, além do trabalho com o Otto. Depois eu comecei a tocar... Nem lembro mais com quem foi... Não sei se foi com o (*Dj*) Dolores. Mas acho que por ter tocado guitarra com o Otto, muita gente me viu como guitarrista. Talvez se eu estivesse tocando com o *Cidadão* até hoje, as pessoas só me enxergariam como o cantor que toca guitarra em uma banda, e não como o músico acompanhante. O trabalho com o Otto foi primeiro que me abriu o leque para trabalhar como “músico funcionário”, o que eu adoro.

Marina – Os componentes do *Cidadão Insurgido* também foram todos (*para São Paulo*)?

Fernando – Não, eu fui só. Eu fui primeiro e o resto foi pingando, de um por um. Foi um processo. Eu lembro que no primeiro show o Régis nem tocava mais, e teve um substituto. Foi na época em que o Clayton começou a tocar, porque antes era o Felipe (*DJ Fill*) e o Dستان, na caixa-prato e na zabumba. O Clayton começou a tocar caixa-prato e o Maurício Takara (*da banda Hurtmold e de outros projetos*) na zambumba... Nada a ver, mas rolou, tanto que eles gravaram algumas coisas n’*O Método Túfo* (*de Experiências*)... Aí foi... Hoje foi todo mundo, e tem mó galera morando lá (*em São Paulo*).

Marina – E como foi a gravação do disco *Ciclo da Dê.Cadência*?

Fernando – Naquela época a gente foi para São Paulo fazer um show, o primeiro do *Cidadão* por lá, e ficamos mais um tempo para gravar o disco. Eu aluguei um estúdio, gravei as bases em poucos dias e fiquei um tempo até terminar.

Roger – Tem alguma diferença marcante entre a primeira temporada em São Paulo para essa segunda?

Fernando – Tem, tem. Naquela época eu

“Eu comecei a cantar por causa do *Cidadão* só. Antes até eu falava que tinha ‘microfonefobia’”.

Mesmo com as breves apresentações e o contato recém-estabelecido, o clima dentro do carro foi de descontração. Conversas sobre a cidade, alguns conhecidos em comum e um leve erro no caminho marcaram a viagem de volta do Aeroporto.

Entre as conversas durante o caminho, Fernando mostrou o que vinha lendo durante o voo até Fortaleza: um livro que reunia algumas das entrevistas mais marcantes realizadas pela revista *Rolling Stone* ao longo de sua trajetória.

Além de elogiar o conteúdo do livro, Fernando teceu comentários sobre a importância e alcance do trabalho exercido por jornalistas, confidenciando que já passou por experiências delicadas com profissionais da área.

não tinha quase nada lá. Hoje eu trabalho e tal... Mas no começo ainda não tinha casa para morar, consegui um quarto e fui morar com uma amiga. Foi um outro começo, totalmente diferente, porque eu já tinha a banda (*Cidadão Instigado*), conseguia tocar com o Otto... Eu já tinha alguma coisa a mais e podia pelo menos bancar o que eu estava disposto a fazer. Pelo menos ficar lá eu conseguia ficar. Mas era sempre no aperto, pois, querendo ou não, nem o Otto, nem o *Cidadão Instigado*, têm sempre tantos trabalhos. Agora a gente está tendo um monte de shows, mas porque cada um lançou seu disco. É um processo, afinal são catorze anos de banda. Mas mesmo assim é corrido. Eu toco com cinco bandas (*Cidadão Instigado, Otto, Karina Buhr, Instituto, Fernando Catatau e o Instrumental*) para segurar a onda e poder me bancar.

Natália – Fernando, na primeira ida a São Paulo você disse que ficava muito sozinho, introspectivo. Como foi na segunda vez? Quem você conheceu?

Fernando – Aos poucos eu fui conhecendo outras pessoas. Hoje eu tenho muitos amigos lá, muitos mesmo. Vou para qualquer canto de lá e conheço mó galera. A maior diferença mesmo é que agora eu conheço todo mundo do meu bairro, a galera da padaria, os taxistas... Eu posso dizer que eu sou morador de São Paulo. E eu estou morando em um lugar massa por lá, depois de muito tempo eu consegui ir para um lugar que eu acho massa. Tem as diferenças mesmo. Se eu tiver me sentindo mal, por exemplo, tem sempre um amigo do lado para segurar. Hoje em dia eu conheço todas as pessoas das lojas de instrumentos... Antigamente eu ia lá olhar e a galera era grosseira. Então foi mudando, com o tempo.

Marina – Você disse que toca com outras bandas para complementar o sustento financeiro, mas se apenas o *Cidadão Instigado* já lhe proporcionasse isso, você ficaria só com a banda?

Fernando – Eu não sei não. Eu também gosto de ser músico de apoio... Eu adoro. Eu estava até falando um dia desses que não saio da banda do Otto nem a pau! Eu gosto de estar lá e só saio quando realmente não der. Já saí algumas vezes, quando fui tocar com a Vanessa (*da Mata*), porque era melhor financeiramente, ou quando saí para tocar com o DJ Dolores, porque tinha viagem para Europa, e uma das coisas que eu queria era viajar. Mas voltei... E eu gosto, gosto da galera da banda, me divirto... Eu acho que não ficaria só no *Cidadão*, não. Eu gosto de ser funcionário, não ter de ficar toda hora me preocupando... Só chegar, ligar a guitarra e tocar.

Yuri – E como você avalia a influência do

“A partir do momento em que eu comecei a me aceitar, eu comecei a fazer alguma coisa. O *Cidadão* foi isso... Foi quase uma aceitação dos meus defeitos”.

seu som e da sua história interfere no trabalho desses artistas que você trabalha como músico acompanhante?

Fernando – Eu acho que tem (*influência*), bastante. Eu consigo perceber. Não sei explicar, mas percebo. O Otto, a Vanessa (*da Mata*), a Céu, o Rodrigo (*Amarante*), mó galera... Nós fizemos músicas juntos. Acho que a gente vai junto fazendo, sei lá.

Iana – Como foi a relação com o Arnaldo Antunes na produção do álbum *lê lê lê* (2009)?

Fernando – O Arnaldo é meu ídolo de adolescência. Na época do lançamento do *Cabeça Dinossauro* (terceiro álbum da banda *Titãs*), eu lembro que o disco foi um marco para mim. Quando ele me chamou, eu até fiquei até na dúvida se iria aceitar ou não, porque, querendo ou não, é o Arnaldo Antunes, né? Até começar os primeiros ensaios, eu ainda não tinha decidido se iria aceitar. Mas depois que eu vi que ele começou a me dar liberdade e que eu poderia fazer exatamente o que queria... Porque eu sempre pensava assim: Eu gosto pra caramba do Arnaldo desde a época dos *Titãs*. O meio eu também acho legal, mas tem algumas coisas que não eram o que eu gostava de ver nele... Eu gosto dele no *Rock*, com aquele espírito de juventude, e eu achava que estava indo para outro caminho, apesar de eu achar bom pra caramba também. Ele é um artista único: ninguém canta como ele, ninguém compõe como ele... Então eu queria ver outras coisas, comecei a escutar as composições, gostei, e percebi que ali seria um parque de diversões. (*Relembrando*) O Edgard Scandurra tocando guitarra e você dizer: “Sola agora!” e ele... (*faz som de um solo de guitarra com a boca*).

Fernanda – Você se mostra muito tímido no palco. Qual a sensação de ver as pessoas se identificando com as suas músicas, de letras bem pessoais, até as suas “viagens”?

Para a realização da entrevista, a equipe de produção pretendia pensar um espaço com o qual Fernando tivesse uma mínima identificação. O local escolhido seria o Salão das Ilusões, localizado no Centro de Fortaleza, espaço que reúne programações e linguagens diversas.

Fernando – Eu acho estranho (*risos*). É muito pessoal mesmo, todas as minhas letras são bem pessoais, então... Mas eu acho que é porque todo mundo vive coisas parecidas. Eu não estou ali mentindo. O que eu escrevo é algo que realmente faz parte de um ser humano, com muita verdade. E com certeza alguém vai passar algo parecido na vida e vai se identificar. Mas, no geral, eu acho estranho. A gente vai para o show e tem uma galera cantando. Isso não acontecia. Hoje em dia já é um pouco diferente. Eu nunca achei que minha música pudesse ser cantada. Eu lembro que uma vez um cara começou a cantar a minha música e eu fiquei foi puto: “*Diabé isso?!*”. Mas sei lá, acho legal.

Roger – Se não era ter fãs, qual era objetivo inicial do *Cidadão Instigado*?

Fernando – Meu prazer, minha satisfação. Botar o que eu acreditava ali. Eu nunca faço música para as outras pessoas, faço para mim. O resto é decorrência do que vem. Eu preciso fazer... Eu preciso fazer aquela música, mudar, gravar e ouvir, para poder ficar tocando... Eu gosto de tocar, então eu faço aquilo para eu poder tocar. Sobre as pessoas gostarem ou não é uma coisa natural, de se identificar. E é massa, eu sou muito feliz com o que eu tenho. Catorze anos de banda com um trabalho que não é fácil, eu sei, tenho consciência que não é fácil, e tem *mó* galera conhecendo e cantando...

Iana – Não havia a preocupação com a formação de um público?

Fernando – Antigamente eu era meio revoltadinho e fazia era dificultar mesmo, só para ficar cada vez mais difícil. Mas hoje eu larguei...

Iana – Sobre isso, eu estava conversando com um amigo meu que é teu fã...

Fernando – (*risada debochada seguida de risos dos entrevistadores*)

Iana – ... E ele disse que, dos três discos, esse último me parece ser mais leve, mais “fácil”. Ele então comparou com os poetas, que com o tempo vão ficando mais simples, porém não menos profundos. E ele acabou concluindo que a velhice é uma coisa boa, porque você fica até mais jovem. Nesse contexto, como é o passar do tempo no seu processo criativo?

Fernando – Acho que hoje eu sou mais na limpeza do que antes, quando eu era mais noiado. Tentava fazer tudo ao mesmo tempo e... Hoje vou mais direto nas coisas. Um dia desses, eu comecei a escrever uma viagem minha para falar de algo bem simples. Mas você vai mais direto ao ponto, não precisa ficar sofrendo tanto, até porque escrever para mim é um sofrimento. Primeiro, porque eu não sou uma pessoa estudada, não entendo

nada de Português; para mim é um sofrimento acertar as palavras nas frases... Eu vou intuitivamente toda hora. E é legal você conseguir ser mais fácil nas coisas. Acho que esse lance de eu ter começado a cantar mais, e não ficar só falando toda hora, já me deu uma facilidade, porque eu já vou musicando e encaixo as palavras de acordo com a música.

Yuri – Esse formato de música falada é uma proposta que você particularmente gosta de usar para se expressar ou havia outros motivos?

Fernando – É mais uma gambiarra, eu não vou nem mentir. Era porque eu realmente não conseguia (*cantar*). E eu gosto mesmo de cantar e fazer as melodias. É o que eu mais gosto, tanto que esse disco novo... Acho que nem tem muita fala. Eu gosto de cantar as melodias, gosto de melodias bonitas. Não que as minhas sejam (*risos*). Eu sempre gostei do instrumental, dos solos do (*Carlos*) Santana (*guitarrista e compositor mexicano*), solos de poucas notas...

Yuri – Você acha que a influência desses “solos de poucas notas” foi crucial para você achar o seu estilo?

Fernando – Esse é o meu caminho! Desde sempre, porque eu não consigo fazer muitas notas na guitarra. E para a voz dá na mesma, eu acho que canto muito parecido com o jeito que eu toco guitarra. O mesmo tipo de melodia, e as mesmas coisas que eu puxo para um e para o outro.

Roger – Como é que você se relaciona com a fama, mesmo não sendo algo que você busque?

Fernando – Sei não! Eu gosto de conhecer

“Eu me cobro muito, sou muito perfeccionista, mesmo dentro da ‘capengue que eu faço. Não é que tem de ficar perfeito, mas tem de ficar exatamente do jeito que eu queria. Tem de me emocionar daquela maneira”.

Vestindo apenas uma camiseta pólo, bermuda e chinelos, Fernando chegaria ao local da entrevista poucos minutos após as 14 horas. Entre a equipe de entrevistadores que já se encontrava no local, olhares atentos em direção à rua.

Pensar o recorte do início da entrevista foi um dos pontos mais discutidos para a produção da pauta. Em reunião, a equipe decidiu começar pela relação de Fernando com o bairro Varjota, em Fortaleza, a partir de seus 5 anos de idade.

Um detalhe que pegou a equipe de surpresa durante a entrevista foi a quantidade de ruídos sonoros vindos do entorno do Salão das Ilusões, fruto do tráfego de veículos e descarga de mercadorias na região. A captação do áudio da entrevista passou a ser preocupação geral entre os entrevistadores.

a galera. Quando alguém chega assim (*imita alguém afoito*), eu acho muito estranho. Gosto mais quando alguém chega e diz: "E aí, beleza?". Mas eu acho que não acontece muito comigo, não. Acontece em um nível bom, que dá para levar. Eu lembro do Rodrigo (*Amarante, integrante da Los Hermanos e Little Joy*)... A gente saía junto e chegavam uns caras tremendo: "Posso te dar um abraço?!". E eu ficava... Ainda bem que isso não acontece comigo. (*risos*)

Marina – Você não teria esse comportamento com alguém que você admira, como o Roberto Carlos?

Fernando – Eu não! Eu sairia de perto. Só ficaria se eu tivesse alguma coisa para falar realmente.

Marina – Você tem vergonha?

Fernando – Tenho, tenho. Quando eu era mais novo e via alguém que eu admirava, normalmente eu ia embora, porque ficava com muita vergonha. Uma vez, um dia desses, eu dei uma de fã, mas (*em tom de risada*) eu fiquei morrendo de vergonha depois. Foi com o Bob Burnquist, o skatista. Eu vi o Bob e disse: "Caralho, eu vou lá falar com ele", que eu sou *mó* fã e tal... Mas quando eu vi, eu disse: "E aí, beleza, e tal?" e saí.

Rainer – Ainda tem algum artista com quem você gostaria de tocar ou mesmo conhecer?

Fernando – Eu gostaria de conhecer o Roberto Carlos... Mas eu não tenho muita coisa para falar não. Eu queria só ver, assim, ele cantando.

Rainer – E tocar?

Fernando – Sei lá! Acho que deve ter um monte aí. Tem o John Frusciante, o Richie Havens, que é um dos meus grandes ídolos... Eu fui para Nova Iorque tocar com o Otto, cheguei na porta do *Carnegie Hall* (*uma das mais famosas casas de espetáculos dos Estados Unidos*) e estava lá: "Richie Havens". E era no dia do show do Otto. Fiquei só porta vendo se ainda tinha ingresso.

Iana – Sobre essa história que você falou do Roberto Carlos... Você costuma freqüentar shows? Só vai a apresentações de amigos? Como funciona?

Fernando – Eu saio pouco. Sobre shows, eu vou mais para os de amigos mesmo. Eu fui há alguns anos atrás para o show do Roberto Carlos no *Paulo Sarasate* (*tradicional ginásio poliesportivo em Fortaleza*), e fui com *mó* galera. Foi um dos poucos shows que eu... Se tivesse agora (*um show*) do Neil Young eu iria, do *Iron Maiden* eu vou, se tiver... Eu fui um dia desses para o (*show do*) *The Mars Volta*, quando estava na Espanha e foi até engraçado. Eu gosto pra caramba (*da banda*), não sei se vocês conhecem. É banda de *Rock*,

assim... Atual, moderno. Eu lembro que estava em Barcelona, onde o meu irmão mora, e conheci um cara que disse: "Porra, conheci o cara do *The Mars Volta*! Vou para o show deles hoje!". Eu disse: "Como assim?". Ele: "É, eu vou até arrumar umas "coisas" para eles... Era tipo... (*Fernando dá a entender que eram drogas*). Eu disse: "Tá, mas consegue um ingresso para mim!". Então eu fui lá, mas era foda, porque eu fui conhecer os caras como amigo do cara que estava arrumando uns esquemas para eles, entendeu? Eu fiquei todo errado, porque não conheci os caras como uma pessoa "normal" e tal. Depois eu acabei indo ver o show, mas foi massa! Um cara que eu queria muito conhecer e acabei conhecendo é o (*Edgard*) *Scandurra* (*guitarrista e compositor, ex-integrante da banda Ira!*). Sempre quis conhecer e hoje a gente toca junto. Nós somos os dois guitarristas da Karina Buhr e também tocamos juntos em projeto chamado *Cidadão Instigado & Edgard Scandurra*. E é muito foda, ele é quase meu vizinho. A gente mora no mesmo bairro, eu vou na casa dele e a gente tira um som... E é um cara que é ídolo para mim.

Roger – Sobre suas composições, quais temas você identifica como mais recorrentes nas suas músicas e o fazem ir lá e escrever as canções?

Fernando – Todas as letras que eu faço são (*sobre*) minha vida. É basicamente isso... E as percepções da vida também. Tem música que eu falo de amor; tem música que eu falo de preconceito da época em que eu estava em São Paulo, já que eu sentia bem na pele esse lance; tem outras que eu falo sobre a minha visão do mundo, dessa história de eu ver o mundo perto de se acabar e tal. Eu vou e escrevo sobre uma parada assim, é sempre ligado à minha pessoa e são bem pontuais. Eu passei muito tempo agora com uns problemas amorosos muito pesados e escrevi várias (*músicas*), tanto que tem um monte nesse (*último*) disco, no disco passado e vai ter no próximo.

Roger – E no caso de músicas como *Ovelhinhas* (*faixa 07 do álbum UHUUU!*), que são bem pessoais?

Fernando – É. É tipo a minha visão sobre um tema complexo, mas ao mesmo tempo simples. Está tudo muito rápido, você não consegue mais ter tempo para alentar o pensamento e viajar, saca? É meio como se fosse a quebra do sonho... E (*a música*) *Ovelhinhas* para mim é isso, eu falo que uma hora vai acabar tudo na cabeça da gente e os tapurus (*um tipo de larva*)...

Roger – Você também usa personagens de desenhos próprios?

Fernando – É, eu faço personagens e crio

Para parte da equipe, participar da entrevista serviu como exercício interessante de busca por uma "neutralidade possível", visto que estavam diante de alguém que admiravam pelo trabalho realizado como artista.

de acordo...

Roger – ... Porque é mais fácil para você ou é uma “fórmula” que você desenvolveu?

Fernando – Eu acho que fica mais interessante, até para mim mesmo. Tem várias coisas que eu escrevo que não me interessam... Tem coisas que eu escrevo que são muito ruins e eu joga fora. Então eu tenho de me convencer antes de qualquer coisa, e assim eu vou criando. Eu escrevi um dia desses... Que acordava, olhava para o chão e ele estava cheio de ovos. Eu olhava pela janela, a cidade inteira estava cheia de ovos e eu tinha de me acostumar com isso e sair pisando. Os ovos eram todos cozidos e iam entrando (*pedaços*) entre os dedos e coçando com as casquinhas... E passavam meses nessa mesma história e eu tinha de me acostumar com isso, até que ficava legal, sabe?

Rainer – Como é o seu processo de criação? Quanto tempo dura? Você mostra para alguém?

Fernando – É bem meu mesmo. Eu mostro depois que já está mais pronto. Tem música que... *Doido (do disco UHUUU!)*, por exemplo, foi uma música que eu passei nove anos para poder gravar, porque não conseguia fechar. A letra até estava fechada, mas a música eu só fui conseguir agora. *Noite Daquelas*, do disco anterior (*Cidadão Instigado e o Método Túfo de Experiências*), foi a segunda música que eu fiz para o *Cidadão*, e só consegui gravar em 2005, depois de muito tempo. Então tem o processo até fechar mesmo. *O Cabeção (UHUUU!)* demorou muito, porque é uma música gigante. Tem outra que é *O Zé Doidim* e *El Cabrone (Caçador de Zé Doidims)*, que são duas músicas, e tem *Quando a Máscara Cai*, que é uma que eu nunca consegui fechar. Eu tinha 15 minutos de música e ainda não estava nem na metade. É o encontro do Zé Doidim com o El Cabrone. Só que aí o... É tão grande, que eu cansei.

Rainer – O que você identifica como dificuldade nesse processo?

Fernando – Eu canso, sabe? Eu enjojo logo

e posso acabar largando. Mas tem um momento em que eu digo: “Não, deixa eu pegar de novo e ver se eu consigo fechar”. Porque cansa mesmo, até o lance de você achar os acordes certos, achar as palavras certas, tudo combinar... O pior vem depois, que é achar os arranjos certos, e tem (*ainda*) a canção, que é o básico, tipo a voz e o violão. Uma música dessas como *O Cabeção*, imagina... Gigante, cheia de partes e não sei o quê... Até você criar arranjo, pensar baixo, bateria, guitarra...

Marina – Você se considera um profissional exigente?

Fernando – Profissional eu não sei não, mas exigente eu sou. Eu me cobro muito, sou muito perfeccionista, mesmo dentro da “cámping” que eu faço. Não é que tem de ficar perfeito, mas tem de ficar exatamente do jeito que eu queria. Tem de me emocionar daquela maneira.

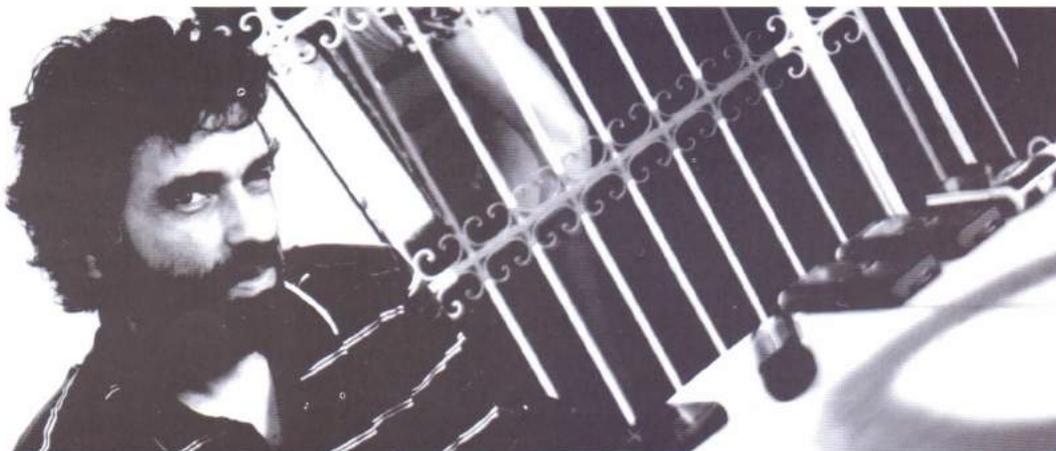
Yuri – E o “método tufo”, de fazer as coisas sem pensar, aparece em que parte do processo de composição?

Fernando – Ele entra em várias coisas, cara! Tem músicas que eu fiz (*gesticula um rascunho em velocidade*) e escrevi muito rápido. Só que são vários processos e cada um é único.

Iana – Como funciona o processo de casamento entre música e texto?

Fernando – Normalmente eu faço primeiro as letras. Geralmente eu faço assim. Mas agora eu estou fazendo a trilha sonora de um longa-metragem (*Transeunte, de Eryk Rocha*) e eu fiz catorze músicas em dois dias, sai pá, pá, pá! Eu tinha de fazer porque não tinha mais tempo. Peguei um dia e comecei a fazer, fazer, fazer, e fiz um monte de coisa no improviso. Gravava um baixo e começava a improvisar uma voz em cima, um monte de coisa assim. A maioria das trilhas que eu fiz saiu meio assim. (*A música*) *Os Urubus só pensam em te comer* eu fiz para uma trilha sonora, que depois entrou para o (*disco do*) *Cidadão*, e também foi muito no improviso. Tem uma dessa trilha nova que eu adorei e acho que vai rolar

O primeiro momento da entrevista foi marcado por um turbilhão de perguntas curtas, e respostas ainda mais breves. A situação obrigou o professor Ronaldo Salgado a intervir e orientar a equipe.



Apesar do clima de tensão estabelecido entre os entrevistadores, Natália emendou uma pergunta logo após o fim da intervenção do professor, assegurando a continuidade da entrevista.

Durante a entrevista, a voz nasalizada e o sotaque fortalezense de Fernando, acentuados pelo uso constante de diversas gírias, eram elementos característicos da fala do músico.

para o *Cidadão* no próximo disco.

Beatriz – A solidão também permeou o início para o processo criativo do *Cidadão Instigado*. Eu queria saber qual a relação da introspecção com a tua música.

Fernando – Eita... Eu acho que o meu processo sempre é introspectivo para sair, né? Eu não sei responder isso não... (*risos*) Pergunta de novo para ver se eu consigo captar.

Beatriz – Eu queria saber qual a relação da tua solidão, do teu íntimo, nesse processo de criação.

Fernando – O *Cidadão* é bem isso: foi meu momento de encontro comigo mesmo. A base dele é isso. Eu não tinha amigo para conversar, eram apenas uns quatro caras que eu conhecia em São Paulo e eu sozinho por lá. Eu comecei a pensar na minha vida, nas coisas que eu via, olhava um cara passando na rua e pensava sobre aquilo, e foi assim que eu comecei, entendeu? Então a base do meu jeito de fazer as coisas é bem meu. Por isso, inclusive, que eu faço poucas coisas em parceria. Eu já fiz – algumas músicas e tal –, mas normalmente eu faço sozinho. Eu tenho de me afundar mesmo nos meus pensamentos para poder criar alguma coisa.

Beatriz – Hoje em dia você tem essa mesma necessidade?

Fernando – Não é nem necessidade, é natural. Eu me desloco mesmo. Talvez por isso eu componha menos. Quando eu vou compor, tem um momento em que eu vou e faço. Às vezes eu não consigo fazer música com muita gente do lado e tal. Acho que é muito pessoal compor e escrever, você tem que pensar e tem todo um processo para chegar a isso.

Marina – Esse seu método tem a ver com o que você gosta de música? A gente pesquisou e soube que você gosta de música triste, que música alegre o deixa... Triste.

Fernando – Não, não é isso não. É porque... Não é nem música triste. Eu gosto mais dos acordes menores, que têm uma diferença. Mas hoje eu até já abranjo mais, de usar os acordes maiores e os acordes menores, tipo... O sol maior é diferente de um sol menor. Para quem entende de música sabe muito bem a diferença, entendeu? E eu sempre gostava de usar acordes menores, direto. E hoje não, tenho mudado isso. Mas... Rola disso, né? Você vai mudando. Eu gosto de música triste, eu gosto de música raivosa também. Agora eu estou escutando as raivosas (*risos*).

Iana - Aproveitando essa questão de composições, tem uma música chamada *O Caboré e o Presidente*, que fala "Ó mãe, me diga o que significa / Toda essa gente retorcida e mal de vida / Ó mãe, me esclareça, por favor / Eu sou criança, mas meu coração

"Eu gosto de guitarra, por isso eu passo a minha vida inteira pesquisando isso, eu vivo para isso. Às vezes eu falo que gosto mais de instrumento do que de música, porque eu gosto mesmo".

já sente dor". Eu queria saber como você se coloca diante das questões políticas. O que você diria ao presidente?

Fernando – Cara, eu acho que eu já digo na música. Eu tenho minhas percepções e tento a partir dali falar as coisas que eu... Eu acho que tudo é muito aberto. Toda vez que eu tenho uma percepção sobre alguma coisa que eu acho absurda, eu vou e me posiciono. Mas é sempre com a música, acho que é a melhor forma. Não adianta eu chegar e ficar gritando ali na frente, comprar uma passagem para Brasília e ficar gritando. Tem um monte de gente que faz isso, mas eu não vou gritar. Eu chego e faço da minha forma. E eu tenho minhas posições bem firmes, em torno de vários assuntos...

Roger – Além das letras, é possível perceber uma preocupação com a parte instrumental, que vem refletir no recente projeto *Fernando Catatau e o Instrumental*. Eu queria que você falasse um pouco como foi a aceitação de músicas como *Calma*, que possui uma letra bem pequena e um instrumental bem forte. Como é a aceitação dessas músicas predominantemente instrumentais?

Fernando – A gente escuta tanta música em inglês e eu não entendo nada. A gente está acostumado a escutar muita coisa instrumental, porque mesmo essas músicas em inglês para a maioria das pessoas é música instrumental. É como eu vejo. Para quem entende, beleza, mas normalmente a gente vai e (*Fernando começa a fazer uma melodia com a boca, como se simulasse uma música em inglês que não entendesse*), e está acostumado mesmo com a melodia. E se isso pega forte na pessoa... A música une todas as pessoas, né? Não importa o lugar onde ela esteja. Se você

A suspeita inicial da equipe de produção seria confirmada: a transcrição do áudio da entrevista se apresentou como uma das grandes dificuldades. Em vários trechos foi necessário escutar o áudio dezenas de vezes até chegar ao discurso exato do entrevistado.

faz uma melodia que agrade alguém, ela vai cantarolar aquilo e não importa. Meu instrumental é só instrumental mesmo. Uma banda de *Rock Instrumental*, saca? Não precisa estar toda hora discursando ali não, né? Tem uma hora em que você tem de calar e deixar rolar só a música mesmo.

Natália – Fernando, saindo um pouco de sua vida como músico, o que você gosta de fazer? A gente soube que você desenha, gosta de fotografia. Quais são os seus interesses além da música?

Fernando – Eu gosto de comprar guitarra, e vender também. Eu tenho meus momentos... Tem momentos em que eu tenho meio obsessões, vai. Agora mesmo eu comprei uma câmera fotográfica, que eu gosto de fotografia, aí eu começo a pesquisar, entro em uma *nóia* que eu tenho que ter, começo a pesquisar marca, vou atrás da lente tal e assim vai. Tem uma hora que é por comida: comida tal e ingrediente, e não sei o quê... Tem uma hora que eu canso. Eu não tenho uma coisa certa não, vai do momento. Agora eu estava na loucura da *nóia* de bicicleta. Fui pesquisar as melhores bicicletas, as marcas, (*Fernando faz sons com a boca para exemplificar mais coisas*), aí consegui. Comprei uma bicicleta, já troquei o pneu faixa branca, botei um não sei o quê, saca? Assim eu fico alimentando meus vícios, esses materiais. Eu gosto de guitarra, por isso eu passo a minha vida inteira pesquisando isso, eu vivo para isso. Às vezes eu falo que gosto mais de instrumento do que de música, porque eu gosto mesmo.

Roger – E além desses vícios materiais, quais os hábitos que envolvem arte e cultura? Você gosta de cinema ou alguma outra linguagem?

Fernando – Ah, eu gosto também. Eu gosto de ir ao cinema. Mas eu curto mais ir ao cinema com uma namorada, do que ir como um objeto que vai... Sabe? Eu vejo todos os tipos de filmes, desde os clássicos até os hollywoodianos. Vejo *Sessão da Tarde*, vejo novela... Eu não tenho preconceito não, do mesmo jeito que eu gosto de Truffaut (*François Truffaut, cineasta francês do movimento Nouvelle Vague*). Eu curto, sabe? Eu gosto de reunir meus amigos e de fazer "rango". É o que eu mais gosto. Gosto de ir à praia... Coisas bem simples mesmo, sabe? Mais do que: "Ah, vamos para a balada do 'não sei o quê'". Eu não gosto de sair muito à noite, gosto mais de dia. Eu gosto dos meus amigos, por isso que eu sou "galeroso" (*risos contidos*). Eu gosto de da galera por perto.

Domitila – Em uma crítica da *Revista Bravo!* (*Editora Abril*), você foi chamado de "pesquisador de sons" (*Catatau sorri meio irônico com a denominação*). Eu queria saber como é

que se dá essa pesquisa, como é que ela pode ser percebida no seu trabalho, e quais são as suas fontes de pesquisa?

Fernando – Eu acho que é de acordo com esse lance que eu falei, da parada de ser bem obcecado. Eu passo o tempo inteiro testando todos os pedais existentes, todos os amplificadores... Teve um dia em que uma amiga até fez uma foto minha dormindo com a guitarra assim (*Catatau explica a posição que dormiu, abraçado com a guitarra*) e o computador na frente, que eu fico vendo os vídeos do cara que testa todas as guitarras e todos os amplificadores possíveis, entendeu? Assim eu vou conseguir ter a diferença de cada um. Agora mesmo eu estou em uma *nóia* de amplificador. Todos! Até chegar no som que eu quero. Então é isso, acaba sendo meio obsessão, mas a gente chega no caminho. Eu sei exatamente qual pedal vai tirar... Porque todo pedal rouba som! Você passa em um cabo, passa pelo outro, e tudo rouba som, sabe? Você pluga a guitarra direto no amplificador, ela dá um som. Você passa aqui um pedal e passa por outro cabo, ela dá outro som.. Então eu fico tentando saber exatamente qual é o que rouba o som da melhor maneira, porque até a roubada tem de ser boa. Não pode ser só roubar e pronto não. Então eu fico um pouco nessa loucura.

Yuri – E essa preferência por guitarras mais antigas, madeira mais antiga...

Fernando – É, tem isso também. Mas isso não é uma regra, entendeu? Mas eu, particularmente... Sabia que eu posso até estar errado? Eu fico tanto tempo buscando guitarra, mas eu nunca chego no som que eu quero, nunca. Ou eu já cheguei e já passou foi da ... Eu fico tão assim! O som da madeira (*antiga*) é mais seco e me agrada mais. Mas eu já toquei com guitarras novas que também me agradaram. Então não tem isso não. Acaba virando uma *nóia* própria e acaba ficando sem sentido às vezes, saca? Mas eu passo o tempo todo assim: muda daqui, muda dali. Agora mesmo eu comprei três guitarras, lá pelos Estados Unidos. Eu vou pegar.

Yuri – Sem testar?

Fernando – Sem testar. Se não prestar, eu vendo. Daí eu fico nessa o tempo todo. E isso também é bom.

Iana – A *Revista Trip*, na edição 178, refez uma capa da antiga revista *Realidade* (*Editora Abril*), de 1966, que trazia nomes como Nara Leão, Chico Buarque e Caetano Veloso. Na mais recente, você está junto a oito artistas contemporâneos, representando um grupo de "artistas essenciais para cena musical brasileira". Como você transita nesse cenário?

Fernando – Eu sou do *Rock*, isso é uma coisa muito fechada na minha cabeça. Eu te-

No momento da edição do texto da entrevista, a equipe de produção teve de conciliar a supressão de alguns "né", "saca?" e "aí" com a originalidade do discurso de Fernando. Cortes nem sempre unânimes.

Ao contrário de determinados estereótipos de "roqueiros", Fernando não fuma e bebe muito pouco. Segundo o relato de amigos, antigamente o músico costumava fazer cara feia quando os membros da banda bebiam em palco. Hoje os tempos são outros, menos rigorosos.

Dos quatro álbuns que encabeçaram a lista de melhores discos nacionais do ano de 2009, segundo a revista de música e comportamento Rolling Stone, Fernando Catatau teve participação direta em três deles: nos que ocuparam a primeira, segunda e quarta posições.

nho trabalhos com todo mundo, mas eu sou um guitarrista de *Rock*. Não um guitarrista de "*Rock N Roll Baby*", daqueles (*Fernando faz um som com a boca, simulando um som guitarra*), sabe? Mas a minha veia é de *Rock e Blues*, sempre foi, desde que eu comecei a tocar. Lógico que eu tenho influências de outras coisas. O *Cidadão* para mim é uma banda de *Rock Brasileiro, Rock Nacional*. Brasileiro é isso: *Rock* com a influência das coisas que a gente tem no Brasil e de tudo o que a gente agrega. Eu toco com a Vanessa (*da Mata*), mas eu acho que imprimo minha parada. Ela até falou que quer realmente dar um diferencial, então ela só me chamava para as coisas que precisavam desse diferencial. Ela faz as coisinhas dela, mas na hora em que ela queria uma sujeira, ela ia e me chamava. É o que eu faço, talvez ela esteja querendo trazer a outra parada para dentro do trabalho dela.

Iana – E estar nesse grupo, que conta com artistas emergentes na cena musical, trabalhando com a sua sonoridade, o que representa para você?

Fernando – Eu acho que... Eu fico feliz, porque eu insisti muito em ser o que eu sou, sabe? Insisti muito mesmo, desde o começo. E por eu conseguir estar trabalhando e estar entre a galera, com o pessoal curtindo do jeito que eu acreditei e que eu fiz até hoje... Para mim, é minha realização, *saca*? Eu toco com quem eu gosto, com meus amigos, com a galera que eu queria estar tocando junto, então tá tudo na limpeza, eu acho massa. Se fosse diferente, se eu estivesse me sacrificando com uma galera que eu não gosto, eu acho que eu já teria parado de tocar.

Beatriz – Fernando, você falou que tudo o que se faz na vida é importante para depois, e falou também que escutou muito *Forró* no comecinho. Então, no que é que o *Forró* foi importante para você?

Fernando – Ah, foi pra caramba! Eu sou fã da Eliane até hoje. Mas eu gosto desse (*tipo de*) *Forró*, não gosto nem desses novos (*conhecido por Forró Eletrônico*), nem sou muito do (*Forró*) *Pé-de-Serra*, *saca*? Eu gosto do *Forró* dos anos 80 mesmo, aquele bem do começo da eletrificação, que era uma mistura meio caribenha, junto com a guitarrada, com tudo o que estava na rádio nessa época. Final de 1970 até os anos 80... E eu vivi com isso. Acho que até o meu jeito de cantar tem a ver com isso, sabe? Eu estava ouvindo... Eu baixei um dia desses uns discos com músicas desses *forrós*, e eu acho aqueles tecladinhos – não tem uns tecladinhos das antigas da Eliane? Esses sons... – Parecem comigo tocando guitarra. É muito parecido. Só que eu lembro que, quando era pivete, meu sonho era tocar aqueles tecladinhos, aqueles sons de teclado.



É muito parecido com o jeito que eu toco guitarra, sabe? Acho que vem naturalmente. O jeito que a galera canta também meio fanha, assim (*Fernando nasaliza ainda mais a voz*)... É total o meu jeito de cantar.

Fernanda – Na música *Apenas um Incômodo*, você fala sobre o preconceito com o nordestino e no final ainda fala que "me aguente". Você já pensou alguma vez em mudar a sonoridade ou trabalhar a voz?

Fernando – Cara, eu acho que já pensei muito nisso. Passei a minha vida inteira pensando. No momento em que eu aceitei – que foi a época em que eu comecei a montar o *Cidadão* –, eu comecei a fazer coisas mais "minhas". Mas eu tenho vontade de estudar canto, não para mudar, mas para poder alcançar outras possibilidades. Eu acho que todo estudo é importante se você já tem uma parada formada. E eu sei o que eu quero. Eu não vou mudar meu jeito de tocar guitarra se eu estudar. Eu vou mudar, mas talvez para outro caminho que eu precise a partir de agora. É diferente quando você não tem nada e quando você já tem um caminho. Imagina se eu começar a querer cantar igual ao cara do *Jota Quest* (*Rogério Flausino*)... Aí tá difícil viu, não vai rolar (*risos*).

Rainer – Catatau, você falou da sua timidez, de como ela influencia na sua composição, na sua maneira tocar e de compor, e do *Forró* em si. O que mais da cultura cearense, do seu jeito cearense, influencia na sua composição e no seu jeito de tocar?

Fernando – Eu sou roqueiro cearense, cara, o típico. Eu sou mesmo. Aquele "toca Raúl!". Eu acho que o som do *Cidadão* é total cearense, muito, muito. Pelo menos com a galera da minha época, que escutava *Pink Floyd* e ia para a Ponte Metálica ver o pôr-do-sol, tem tudo a ver.

Yuri – E como seria esse Rockeiro Cearense?

Fernando – Rapaz... (*risos*) É "*Uhuuu*", "*Mermão*, toca aquele soooooom". É isso. Eu sou muito, muito mesmo. Gosto de *Rock*, cultura do *Surf* e toda a parada do Ceará total. Eu sempre vejo em São Paulo a galera muito *apartheid*. Tem todas as tribos, a tribo do *Punk*, tem a tribo do... Desde que eu me en-

Em ordem decrescente, Catatau participou dos discos: "Vagarosa", da cantora e compositora Céu, como guitarrista; do disco "UHUUU!", do Cidadão Instigado; e do disco "IÊ IÊ IÊ", do artista Arnaldo Antunes, do qual ficou encarregado da produção.

tendo por gente, desde adolescente, sempre teve os lances que eram: "Ah o punk, ah o skinhead, agora são os emos, ah não sei o quê!". Sempre tem esse negócio que é bem de *aparthoid* mesmo. E aqui, eu lembro que a gente tinha a banda *Companhia Blue* e (*nos shows*) iam os metaleiros, iam os forrozeiros, ia todo mundo junto. Isso é muito do Nordeste em geral. Então eu tenho muito disso, do mesmo jeito que eu gosto de Metal, eu gosto da Eliane. É aquele lance de você ter... Cearense é a cultura do desapego. Todo mundo sabe disso. Aqui ninguém se apega a nada, tanto que a cidade está toda destruída. É isso, a gente vai se desapegando, daqui a pouco já junta com outra coisa, tudo na gambiarra. E a gente vai caminhando assim. Eu sou uma pessoa totalmente triste com a cidade. Eu venho para cá e fico triste, porque eu vejo: o colégio onde eu estudei, o *General Osório*, destruído; o colégio onde eu queria estudar, que era o meu sonho, o *Stella Maris*, destruído. Os grandes ícones da minha infância e adolescência foram todos destruídos, sabe? E assim vai...

Roger – Praia de Iracema...

Fernando – Praia de Iracema... Pô, a gente ia para lá, eu vi a Praia de Iracema de terra. Vem a Ponte, aí constrói aquele negócio, agora vão construir o aquário (*Acquário Ceará, obra prevista para ser realizada pela atual gestão do Governo do Estado*). Botar que peixe, né? Enfim, então você tem que ir se acostumando com isso, sabe? Você vai se acostumando a toda hora ir perdendo as coisas mesmo. Vai perdendo, vai perdendo, e se acostume não para você ver, que você vai sofrer. E isso é cultural mesmo daqui, da gente mesmo. Mais que em qualquer outro lugar, eu acho. E isso tudo reflete na minha música. Tanto eu ter largado o *Ciclo da Dê.Cadência* para trás, que eu poderia ter seguido naquele mesmo caminho, e fazer uma coisa diferente. Eu acho que tem que ter um momento em que você diz: "Mermão, passa isso aqui, porque eu não acredito mais nisso, então a gente vai para aquilo outro".

Yuri – Falando da relação do cearense com a sua própria cultura, atualmente o *Cidadão Instigado* vive uma realidade de aceitação bem diferente do que era no início pelo público local. Você acredita que era uma questão de falta de acesso com relação ao som, ou foi o caso da necessidade de uma aprovação externa para se aceitar algo que já era nosso desde o início?

Fernando – Não sei... Eu acho que às vezes só por ser daqui a galera já fica assim... Isso sempre foi assim, com tudo. A galera fica meio com o pé atrás, saca? Mas tem muita gente hoje que vai aos shows quando a gente vem tocar aqui, vai uma galera. Mas é sempre

complicado. É engraçado que é mais fácil a gente conseguir fechar um show estando lá mesmo, do que estando aqui. Se a gente morasse aqui eu acho que a gente não iria conseguir viabilizar várias coisas.

Mas deixa eu contar uma história engraçada... A gente ganhou o *Projeto Pixinguinha* (*editado do Projeto Pixinguinha, do Ministério da Cultura*) aqui e conseguimos fazer o disco novo por meio dele. E foram dois grupos (contemplados) por Estado (*da Federação*), acho que foi isso. E a gente, *Cidadão Instigado*, foi o único grupo do Brasil inteiro a ter o prêmio contestado. Entraram com um processo contra a gente, porque nós não moramos aqui em Fortaleza. O único, do Brasil inteiro! *Pô*, mas a gente é uma banda tipicamente cearense, daqui de Fortaleza, saca? E a galera entra com um processo porque não aceita, cara, não aceita. É tipo meio... Não aceitam que (*a gente*) esteja lá (*em São Paulo*), é meio... Ficam puxando o pé toda hora, *saca?* E na hora do "pega pra capá", eu disse: "Não, beleza, vamos nessa". Quando a gente entra com o processo, o cara não quis "botar a cara". Não sei até hoje quem foi, entendeu? Bote a caaara, se apreseente, né?! Porque... Ninguém está aqui brincando.

Iana – O Arnaldo Antunes declarou em entrevista que os músicos cearenses estavam mudando o *Rock Nacional*. Como é que você vê essa influência de artistas cearenses no cenário atual da música brasileira?

Fernando – Eu acho que tem uma galera (atuando), mesmo o pessoal que a gente toca

"Eu fico feliz, porque eu insisti muito em ser o que eu sou, sabe? (...) E por eu conseguir estar trabalhando e estar entre a galera, com o pessoal curtindo do jeito que eu acreditei e que eu fiz até hoje... Para mim, é minha realização, saca".

Segundo o amigo e cineasta Danilo Carvalho, o músico Arnaldo Antunes teria se referido a Fernando como "meu maestro" no camarim de um de seus shows. Danilo explica que ele teria confessado que Fernando tirou vários de seus "vícios" musicais.

Antes da despedida, a equipe tirou algumas fotos coletivas com Fernando. Em uma delas, a fotógrafa Wanessa Malta sugeriu que todos fizessem o "símbolo" do Surf com as mãos. Todos atenderiam o pedido, menos o "roqueiro cearense" Fernando Catatau, que optou pelos dois chifres com a mão, "símbolo" do Metal.

Terminado o trabalho, a maioria da equipe foi a um bar próximo aliviar as tensões do trabalho e compartilhar impressões sobre o desenrolar da entrevista. A conversa, no entanto, não duraria muito, em decorrência de aulas e compromissos que alguns tinham logo em seguida.

junto e tal, muita gente daqui foi para lá (*São Paulo*). E a galera está, querendo ou não, meio assim... A gente não fica gritando. O pessoal está ali para trabalhar mesmo e tem uma galera fazendo as coisas. A gente toca com todo mundo por lá, com mó galera. O Rian (*Batista*) mesmo é baixista de nove bandas. Então (*se estamos*) mudando eu não sei, mas a gente está junto, fazendo um som com todo mundo. Quando você vê a banda do Otto, antigamente quase todo mundo era de Recife, com um paulista e eu na guitarra. Agora, mais da metade é daqui: Eu, o Boca, o Beto (*Apinéia*), o Rian, às vezes o Dustan, o Régis, até os roadies, toda a galera é daqui. Tem *mó* galera. É que a gente vai para trabalhar mesmo, saca? Não tem essas frescuras e ninguém quer gritar. Eu acho que esse é o grande lance. Ninguém está lá querendo se amostrar. É para pagar o aluguel e é isso. Acho que é o mais importante. A gente sabe ser funcionário.

Roger – Bom, acho que a gente está chegando mais ou menos no tempo previsto. A última pergunta que eu tenho... Em algumas entrevistas e até depoimentos de parentes que a gente teve contato, deu para perceber que você tem o plano futuro de morar em algum lugar tranquilo, perto da praia. Então eu relaciono com a música *Lá Fora Tem*. Esse "lá fora" é aqui mesmo em Fortaleza ou é um "lá fora" bem distante? Qual o plano?

Fernando – Rapaz, eu sou assim mesmo. Acho que talvez não seja aqui não. Mas não sei também. Não tem um lugar certo. Eu lembro que ficava procurando várias vezes uma praia, eu viajava e ficava olhando para ver se eu achava... Talvez nem ache o lugar. Mas eu sei que vai ter uma hora em que eu vou querer ficar longe de São Paulo, porque é muito... Mas eu gosto de lá, porque é um lugar que eu me sinto útil, saca? Eu não gosto de ser desempregado não. Gosto de trabalhar, toda hora, e é uma coisa que me movimenta para ser uma pessoa útil na vida, porque não gosto de ficar parado. Gosto de ficar ativo, porque eu já sou mole. Se deixar... (*risos*) Aí me afunda. Mas uma hora eu vou.

Um mês após a entrevista, no dia 26 de junho, o Cidadão Instigado viria a Fortaleza para uma apresentação. Dos alunos, mesmo os interessados, boa parte deles não pôde ir, pois a essa altura já estariam na cidade de Várzea Alegre, realizando a próxima entrevista da edição com o artista plástico Maciej Babinski

